Esta praia não é para a gandaia: Arrábida, Comporta e Algarve

Hugo Filipe Lopes aka Cöbramor · 23.06.2026

ECOLOGIA · SOCIEDADE · POLÍTICA

Uma reflexão sobre a tentativa de privatizar cinco praias da Arrábida e a comodificação dos espaços públicos, já mais próximos de «um Rock in Rio a dois tempos» que de um espaço livre e partilhado.

A privatização de cinco praias da Arrábida recorrendo a um subterfúgio legal anterior à Constituição; a de alguns acessos na Comporta, recorrendo a seguranças; ou de outros, discretamente em Albufeira, é uma consequência natural do proxenetismo dos espaços comuns pelos consecutivos governos portugueses das últimas décadas e prossegue o contínuo desmantelar de todos os braços do estado social.

A comodificação dos espaços públicos, cujo usufruto é, não só restrito, como sujeito à mediação através do consumo mínimo obrigatório dos espaços privados, tem vindo a acontecer nas zonas verdes urbanas, onde as reuniões não são já espontâneas e centradas nas afectividades humanas, mas à mesa do café.

O mesmo aconteceu com as praias, onde aceitamos passivamente a privatização de uma percentagem de até 30% do areal, sentindo como uma vitória pírrica, tão pírrica, o direito de colocar os chapéus e as toalhas em frente à zona concessionada.

Há, sobretudo no Algarve e particularmente em Albufeira, um número de cafés e restaurantes instalados no areal com a denominação legal de apoio de praia, quando na realidade são apenas uma variação das habituais PPP, tornando o cidadão duplamente pagador, através dos impostos e do consumo, se quiser usufruir de um espaço público explorado por privados.

Seja na Arrábida ou na Comporta, a relação entre a privatização de uma parte do areal e a privatização de todo o areal ou do seu acesso, redundando no mesmo, é tão gritantemente óbvia como o facto de o Algarve ser, há décadas, o oráculo do que está por vir nas outras zonas do país, então livres da pressão turística a que o sul do país se verga voluntariosamente como se fosse a única alternativa e, em muitos casos, ainda pior, defendendo com um sentimento de orgulho bairrista as razões da sua própria autodestruição como se fosse o caminho para a salvação.

> O Algarve [é] há décadas o oráculo do que está por vir nas outras zonas do país.

Tal como o futebol, um desporto nascido das classes populares para as classes populares e cada vez mais cooptado pelas elites, também as praias estão cada vez mais próximas de um Rock in Rio a dois tempos,

o do *shopping center* em modo feira popularucha e o outro, o da Zona VIP onde comer um croquete se torna um crime de lesa-majestade.

Desde que vim morar para o Algarve, encontro, além das evidentes, poucas razões de satisfação em habitar o misto desesperante de Las Vegas e Disneylândia em que a região há muito se tornou. Mas uma delas foram as várias vezes em que o Hotel Vila Joya decidiu unilateralmente vedar o acesso à praia do Xiringuito em Albufeira e encontrou, invariavelmente, a vedação cortada, depois de a autarquia se demitir de agir sobre o assunto.

Apesar disso, existem outros locais onde situações semelhantes acontecem e às quais as autarquias locais preferem fechar os olhos e perante as quais a sociedade civil não age.

> Tal como o futebol, também as praias estão cada vez mais próximas de um Rock in Rio a dois tempos

Acções judiciais ou civis, como manifestações, são uma parte importante da resistência e não devem ser desconsideradas, mas, ao falharem todos os mecanismos institucionais, não basta abraçar árvores quando os *bulldozers* as querem derrubar - por vezes, é preciso encher os tanques de combustível com açúcar, como nas acções da Earth First e exercer o direito da desobediência civil, porque já não se trata de nada nos ser dado e tudo ter de ser conquistado.

> Ao falharem todos os mecanismos institucionais não basta abraçar árvores quando os bulldozers as querem derrubar.

Trata-se de sairmos invariavelmente a perder frente a quem tem poder financeiro para contornar as leis em mais uma confirmação de que capitalismo e democracia são realidades profundamente contraditórias.

- *O autor escreve sem usar o Acordo Ortográfico.*